

## Há duas rosas ensanguentadas

Leio nesta páscoa, nos jornais, a carta de Zulfikhar Ali Bhutto, dirigida, antes de sua morte, ao presidente francês, Giscard d'Estaing, e ainda os poemas de Alex Polari, escritos na prisão, que falam de torturas e de tudo aquilo mais ou menos imaginado, embora perplexos recusemos a acreditar.

De Uganda chegam também notícias fantásticas, assim como do Irã, enquanto o papa escreve e faz pronunciamentos, pedindo misericórdia e caridade para com os vencidos. O paradoxal é que o mundo Ocidental não tem muita autoridade para protestar contra tanta atrocidade. Apesar das denúncias e acusações, neste momento em que escrevo, em tantos porões do mundo inteiro, seres humanos estão sendo humilhados e torturados, em nome da ordem e da segurança do Estado, acobertados pelo silêncio conivente da censura.

Os carrascos de hoje não usam capuzes e nem são personagens catados à vasa humana. Alguns

falam baixo e se confundem com as pessoas de bem. Não erguem a voz ou praguejam. Cumprem seus ofícios com a unção própria e a luz do dia, seriam incapazes mesmo de torcer o pescoço de um frango, porque o clima deles exige a luz forte e inquisitorial dos subterrâneos, cheirando a horror e a medo, não saíram das favelas ou das cabeças de porco, são egressos da classe-média. Estudaram como qualquer jovem decente. São profissionais da dor e da humilhação por escolha e usam Freud ou Jung, não para a libertação natural de demônios, mas para a submissão e o infortúnio da alma. São os modernos herdeiros do Santo Ofício. A nada temem, nem mesmo o Juízo Final. Tantas vezes, chego mesmo a não entender muito a Justiça Divina, na complexidade de seus desígnios, mantendo impune o torturador, cujo perfil psicológico deve ser o mesmo dos criminosos frios, intelectuais como o velho Ladrus, o Estripador das ruas londrinas, este atuando como um agente do

puritanismo vitoriano, pois só executava prostitutas.

Escreveu Stefan Zweig no seu **O mundo que eu vi** que, ao contrário do que se pensa, os judeus acreditam na maldição do dinheiro. Recorda de alguns exemplos e cita a família Rothschild, bem ilustrando a afirmação. A agiotagem é sempre praticada por pessoas duras e mesquinhas, tendo observado que 60%, ou têm morte trágica ou por doenças terríveis. São pessoas odiadas em silêncio. Uma das obras mais geniais da literatura mundial é **Crime e Castigo**, duvido, no entanto, que qualquer leitor não veja em Rascolnicoff, uma espécie de anjo vingador, apesar do assassinato frio da agiota e da irmã, num apartamento escuso e avaro. Dostoiévsky teceu a sua estória à volta de um crime, um crime ritual contra a usura e toda a sua maldição. Rascolnicoff não praticou seu crime duplo por dinheiro, mas como um ato de pura exorção.

Assim, o torturador, o assassino pago pelo Estado deve tam-

bém ter suas sanções, sua maldição como os agiotas. Leio ainda nos jornais da cidade, que o Conselho de Cultura Hispânica está promovendo uma mostra das gravuras de Goya, justamente as que falam dos tempos da opressão napoleônica e da reação do povo espanhol. Nada mais oportuno, os tempos mudaram pouco. A carta de Zulfikhar Ali Bhutto, a Giscard é um documento de grandeza humana, de coragem, dessa coragem que já soa como importuna, num mundo de acomodados e de egoísmos. Ele não hesita mesmo em fazer humor, quando escreve: «Culpado de assassinio, não encontro coragem de chamar Vossa Excelência de meu amigo. Rogo, entretanto, transmitir minhas calorosas homenagens a sua graciosa e encantadora mulher, a e minha afeição a seu filho Henri».

Alex Polari, ex-estudante, um dos muitos jovens do Leme e pai de um guri de dois anos, está também preso há algum tempo. Viveu os primeiros seus 19 anos em liberdade e o resto, de um presídio a outro. Hoje com 28 anos é apenas um condenado e um poeta inspirado no sofrimento, motivando peças teatrais e até canções. Talvez logo seja catalogado como símbolo de um tempo e de uma geração, sendo, na poesia, o que é

Graciliano Ramos na prosa, com suas Memórias do Cárcere, onde, igualmente, fala do mundo opaco das prisões e dos dias de outra ditadura.

Não sei o que vão dizer mais tarde os historiadores deste século, mas a tônica talvez seja a de que nunca se falou tanto de opressão e de toda a sorte de violência. Por essa razão, os Direitos Humanos são sempre tema de todas as horas, tantas vezes de significado penumbroso aos castrados, já curtidos por ofensas e humilhações. Desejam, desiludidos e fatigados, apenas viver, viver sem esperanças, porque há um momento em que o homem se deixa vencer e raros são os que têm a dignidade de protestar e dizer alguma coisa, como Sakaroff e os egressos do Arquipélago Gullac.

Alex Polari encontrou a poesia como se a fé num momento desesperado. Talvez seja ele um dos poucos com autoridade para falar da experiência poética numa dimensão impossível, aos ver-sejadores de toda a hora, na maioria alinhadores de palavras musicais e corretas, embora sem unção e vasadas em temas triviais.

«O, torturador difere dos outros

por uma patologia singular — ser imprevisível vai da infantilidade total à frieza absoluta.»

Escreve Polari estes versos com a alma pacificada e limpa de ódio, chega mesmo a justificar o torturador na sua indigência, do mesmo modo que Ali Bhutto, não hesitando em lembrar com doçura: ... «Mas, se eu for assassinado, meu sangue dará alento aos jovens e à jovens deste subcontinente, como o adubo fertiliza uma rosa da França na primavera, com sua incomparável beleza». E, mais adiante: ... «Se morrer, direi até logo. Rezando para que outros, melhores que eu, venham terminar o combate contra a terrível pobreza e miséria de meu povo».

Encontro nesta carta, naturalmente de essência política, profunda carga poética, é a mensagem de um homem altivo que se despede lúcido num testamento sem ódio, sem queixa, pois o mundo, de repente, foi invadido pela miséria sufocante que aí está. Mas esta missiva tem pontos comuns com os poemas de Polari. Não fala de derrota, mas de um outro dia. Fala da luz e da esperança.

Nataniel DANTAS